

O Eu e o Outro em *Sagrada esperança*

Marcelo José Caetano*

*Sinto na minha voz as vozes duma multidão
No coração sinto um mundo
No meu braço um exército
(Agostinho Neto)*

A coletânea de poemas que constitui o livro **Sagrada esperança** foi, em sua grande maioria, escrita durante as décadas de 50 e 60. Anos difíceis, de dura e violenta repressão. Agostinho Neto, poeta e político angolano, pessoalmente tendo sentido na carne as conseqüências da perigosa política lusitana em além-mar, é o autor desta obra. Obra que longe de ser amargurada e trágica como se poderia esperar – uma vez que foi gerada no processo da luta pela independência – é transbordante de esperança, de uma sagrada esperança. Nela lê-se a convocação à luta, a conclamação à militância no processo de construção da identidade Angolana. Sublimando a própria dor o poeta fala das dores do seu povo, do desespero, da tristeza, da morte. Entretanto, não se limitando a falar do peso insustentável dos séculos de servidão, convida seus compatriotas a lutarem com os olhos secos, a terem esperança, ou melhor, a construírem a esperança.

Refletindo sobre o tempo vivido, sobre a experiência do aqui e agora, Neto apresenta o ser-no-mundo em seu momento de desocultação, ou seja, no seu projeto verdadeiramente poemático: a abertura ao mundo e à história, presentificada na esperança lançada a seu momento de autenticidade, sua identi-

* Professor de Filosofia na PUC Minas. Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa e doutorando em Literatura Comparada na UFF.

dade. A exposição do ser-aí – que, na ótica heideggeriana, funda o ser na palavra – converte o mundo em hierofania e faz do homem *homem*. O uso da palavra, poética e filosoficamente, re-inaugura o caráter *sagrado* do mundo e se converte em rememoração do tempo vivido, expressando os caminhos que conduzem à redescoberta da poeticidade da existência, celebrando a existência, fazendo-se manifestação do sentimento de ser pela palavra, visto que, conforme Heidegger (1990, p. 60-61), ela “não isola os homens em suas vivências, mas fá-los antes entrar na pertença à verdade que acontece na obra e funda assim o ser-com-e-para-os-outros, como exposição do ser-aí a partir da sua relação com a desocultação”. Contudo, a mesma palavra – compreendida como aquilo que revela e funda a exposição do ser no mundo, celebrando sua existência – pode também aprisioná-lo. Sendo orais em sua maioria, as culturas africanas têm na palavra falada o seu próprio sentido. Ao ser colonizado o povo africano se viu obrigado a expressar-se e a conviver com uma cultura que não era a sua. Como compreender as culturas africanas, particularmente a angolana, originariamente ágrafas em sua especificidade, se seu contorno existencial foi transgredido e transmutado pela escrita do invasor? No caso angolano – objeto deste artigo – é imprescindível buscar novas veredas para o reconhecimento de si mesmo como diferente do outro que o colonizou. Entretanto, paradoxalmente, o outro não pode ser esquecido. Ao contrário, é preciso reconhecê-lo para que seja calibanizado, isto é, é preciso que aquilo que o outro deixou no corpo de Angola seja tomado como angolano, ao mesmo tempo que aquilo que é angolano seja retomado como tal. Manuel Ferreira (1986) ensina o caminho que levará à construção da identidade angolana. Diz o estudioso:

Caliban força a prisão que é a língua de Próspero. E então, como os ensinamentos de Próspero não podem ser apagados: Caliban continuará a compreender a língua de Próspero, mas a língua que doravante será a de Caliban, Próspero não a compreenderá senão parcialmente, já que manterá suas velhas premissas. (p. 63)

Segundo o crítico, a calibanização é necessária à definição tanto da literatura como da descoberta do EU angolano. A produção poética, vinculada às condicionantes históricas, se prende a um projeto maior do que ela mesma. Conforme afirma Benedito Nunes (1986):

O fato mesmo da criação literária socialmente condicionada, importa na realização de um projeto existencial. E, por ser assim esse fato traduz uma escolha, uma decisão pessoal do autor a partir das condições que a sociedade impõe ao seu trabalho e que só por intermédio dele recebem valor e sentido. (p. 96)

Por conseguinte, o texto literário de Agostinho Neto, se projeta como escolha pessoal do escritor, mas determinada pelas vivências da sociedade na qual ele vive, transcende essa decisão subjetiva dialogando com seus patrícios, fazendo-se polifônico. Os seus poemas demarcam os limites e as possibilidades da angolidade. Ele sabe, como nos afirma Barbeitos (1989), que os meios

[...] que o fizeram a ele e o marginaram, tal como o prosseguimento do seu projeto ideal, que o opressor invoca e trai, garantiriam o desencadear de uma emancipação real. Por conseguinte, a maestria do português, o conhecimento científico, o empenho humanista e político, desembocando na luta de libertação, tornaram-se exigências intrínsecas. (p. 55-56)

No momento em que o processo colonizatório se efetua, o poder da escrita intervém no exercício da memória do colonizado. A harmonia verbal, ordenadora da práxis angolana, é desarticulada e, com sua desarticulação é provocado o caos na especificidade cultural angolana.

Torna-se imprescindível reinventar a fala a fim de preservar a memória “oraturizada”. A letra do colonizador deve articular-se à voz do colonizado. Essa transgressão do signo, permitirá uma expressão de natureza diferente: uma escrita que fala. Retomando a questão que sustenta este trabalho, encontra-se em Manuel Rui (1985) a linha que deverá conduzir o projeto estético-ideológico da literatura angolana. Afirma o escritor e ensaísta angolano:

E agora o meu texto se ele trouxe a escrita? O meu texto tem que se manter assim oraturizado e oraturante. Se eu perco a cosmicidade do rito perco a luta. Ah! Não tinha reparado. Afinal isto é uma luta. E eu não posso retirar do meu texto a arma principal. A identidade. [...] E agora? Vou passar o meu texto oral para a escrita? Não. É que a partir do momento em que eu o transferir para o espaço da folha branca, ele quase morre. Não tem árvores. Não tem ritual. Não tem crianças sentadas segundo o quadro comunitário estabelecido. Não tem bocas. O texto são bocas negras na escrita quase redundam num mutismo sobre a folha branca. (p. 1)

Com base nas palavras de Manuel Rui, observa-se que o poeta de **Sagrada esperança** reconhece que para encontrar-se consigo mesmo, o angolano deverá percorrer os caminhos que o levarão a revelar para si mesmo o seu ser, caminhos estes obscurecidos pelo processo colonizatório português. O poeta se lança ao bom lugar (eu topos) ainda não histórico (ou topos) por saber que o projeto verdadeiramente poético é a abertura daquilo em que o “dasein” (ser-ai), enquanto histórico já se encontra lançado. (Nunes, 1986)

A produção poética angolana, antes e depois de 1975, deixa perceber o papel político desta poesia, que delimita o processo de construção da identidade, à medida que contribui para a reflexão em torno dos problemas que a jovem-velha nação enfrenta, apontando para as saídas possíveis, avaliando e denunciando os erros cometidos.

Agostinho Neto apresenta a reflexão necessária não somente aos caminhos pelos quais a expressão literária deve seguir, mas aos caminhos a percorrer como existência: “o que queremos nós? Uma vida independente como nação, uma existência em que as relações econômicas sejam justas entre os países e dentro do país, um reviver dos valores culturais ainda válidos para nossa época”. (Neto, 1986, p. 18)

A partir desse propósito de Neto, verifica-se que o engajamento do homem, em todas as suas faces, deixa clara a mesma intenção: libertação social, relações justas e igualitárias entre os homens. Neto, como político, apresenta o lugar de construção do poético. A independência, a justiça, o reviver dos valores são matrizes de sua poesia. Partilhando sua visão de liberdade – de pensar, de planejar, de agir – Neto fez com que seu povo entendesse o significado de sua mensagem. Ele lhe ensinou a esperar, mesmo que no presente não existissem garantias de por que esperar. Por outro lado, presentificou a esperança em um futuro livre, expressa em sua produção poética e política.

O poeta traz a palavra, isto é, ele abriga à palavra no ser da linguagem. O escritor empresta sua fala a seu leitor: ou melhor, ele recolhe a fala do seu leitor e a problematiza. Deste modo, a fala poética é dizer que instaura a ordem simbólica. O poeta, ao falar de sua realidade, problematizando-a, confere à situação em que se acha inserido o estatuto de reflexão. O diálogo entre ele e o outro que o lê (ou ouve) se faz na medida desta reflexão. Direta ou indiretamente, a fala poética é ouvida e se torna possibilidade de enfrentamento do mundo. A poesia aparece como alicerce cultural. Ela resgata a dimensão simbólica da existência e ao mesmo tempo produz e reproduz o estar-aí. Isto porque a linguagem, conforme afirma Heidegger, é um modo de ser, uma estrutura da existência.

Ao mostrar o seu ser, o poeta faz do que é dado como certo um questionamento. A admiração, o espanto, *arqué* da atitude filosófica, podem ser aí verificados. Assim, a linguagem poética revela o ser, faz-se constitutiva de sua presença. O ser que se cala – no “silêncio” da letra – fala. A poesia faz da análise das coisas simples o propósito de denunciar o invasor, dar-lhe um nome, romper os grilhões que aprisionam África à lógica do colonizador. O poeta angolano, que faz parte da república, manifesta a história de seu povo.

A poesia de Neto traz o reconhecimento de que nunca se está só, de que

não se pode ignorar a presença do outro, mesmo que o outro reduza suas possibilidades de ser. O outro, nas palavras de Agostinho Neto, mistura-se ao Eua-
ngolano, define-o, mas não lhe rouba as origens. Antropofagicamente, o outro
é assumido, compondo a imagem autêntica do ser angolano contemporâneo:
ser África porque, “calibanescamente”, o outro – que historicamente determi-
nou os desvios da cultura originária angolana – se fez presença no corpo de
Angola. Ser África dos caminhos entrecruzados, mas fazer-se África.

As imagens poéticas de **Sagrada esperança** delimitam a Intenção, o
engajamento e a importância do escritor no cenário angolano. Seguindo as li-
nhas dos seus versos é possível se ver que o novo mundo angolano se anunciará
por meio da reconquista da identidade. O escritor – como alguém que vê e é
visto – conta de suas visões e antevisões, do que é e pode vir a ser sua terra. Nos
seus versos, pode-se ir reconstruindo a sua cosmovisão: o leitor é o olho que vê
através do olhar do outro (poeta) que vê o outro invasor. Por seu intermédio,
reconhecem-se as senzalas, os garotos sem escola, os negros ignorantes, os
homens bêbedos; sente-se a dor de partir, ouvem-se os gritos de dor, secam-se
as lágrimas e reconstrói-se a esperança.

As imagens em Agostinho Neto são ambíguas, ou melhor dizendo, são
dialéticas. Na dialeticidade dessas imagens misturam-se presente e futuro, de-
sespero e esperança. O olhar messiânico do poeta ensina a aprender na dor, a
conquistar a felicidade sem desconhecer aquilo que a nega, a esperar mesmo
que o desespero tome conta das almas escravizadas. Ao se deparar com os
versos finais do poema “Criar”, o leitor observa essa convocação à esperança:

*Criar criar
criar liberdade nas estradas escravas.
algemas de amor nos caminhos paganizados do amor
Sons festivos sobre o balanceio dos corpos em forcas
simuladas*

Criar
Criar amor com os olhos secos. (1985, p. 124)

Engajada no processo histórico angolano, a obra poética de Neto fala ao
íntimo da alma humana. **Sagrada esperança**, projetando-se na espera, assume
o compromisso de resgatar a existência. A fim de preparar o futuro, o poeta
sabe que não se pode esquecer do passado e do presente que permitirão o ama-
nhã. Assim, na sua escolha – definida pelas condicionantes históricas e sociais
– percorre-se o cerne da vida humana e o sentido que deverá legitimá-la.

A matéria da poesia de **Sagrada esperança**, mediatizada pela experiên-
cia criadora do artista – *poiésis* – inerente à sua maneira de ver o mundo, parti-

cipa do processo de redescoberta do EU. A partir da reflexão em torno da vida, da morte, das tristezas e alegrias, da dor e do prazer, Neto devolve a seu povo a vontade de sonhar. Os versos do poeta levam o angolano a desejar um amanhã onde a subserviência, a dependência sejam substituídas pela liberdade e pela dignidade de saber-se autenticamente homem.

Ao instigar a combater aquilo que escraviza e diminui, **Sagrada esperança** inspira a edificação do projeto existencial angolano. Agostinho Neto dá o tom do que é existir verdadeiramente e o que determinará esse existir, e diz a seu povo:

*Ninguém nos fará calar
Ninguém nos poderá impedir
O sorriso nos nossos lábios não é agradecimento
pela morte com que nos matam.*

*Vamos com toda humanidade
conquistar o nosso mundo e a nossa Paz.* (Neto, p. 85)

O poeta, porta-voz de sua gente, define-se como político. A fim de construir a identidade política de seu povo, ele busca resgatar a dimensão poética da vida. Formulando sua própria experiência pessoal e histórica, ele procura eliminar a ideologia do outro invasor. Ele chama seu povo à construção de um novo tempo, tempo de um novo homem. Ele é “aquele que faz as novas condições de sua experiência e toma a iniciativa de estabelecer o fim da servidão e o começo da libertação” (Alves, 1989, p. 33). Agostinho Neto investiga o presente, estabelecendo as condições necessárias para o surgimento e soerguimento de um futuro onde o homem angolano se reconheça na sua especificidade humana, isto é, ele define os pontos da diferença para afirmar em que condições pode o indivíduo africano dizer-se igual àquele que o escravizou.

Ao escrever poesia na língua do outro, o poeta estabelece a igualdade, mas não deixa por isto de demarcar a diferença, ou seja, ele sabe que não pode negar a presença do outro-colonizador, nem desconhecer sua alteridade. O mesmo e o outro lhe pertencem, estão no seu ser. Ao declarar isto, a poesia escancara a realidade que o homem da colônia não pode desprezar sob pena de não se reconhecer. Conforme Agostinho Neto, citado por Henrique L. Alves,

Nem se pode desconhecer o contexto africano em que o homem é hoje encarado de modo diferente daquele que nos habituaram os séculos de escravagismo e colonialismo. Hoje o homem africano é um ser livre ou a libertar-se do colonialismo e do imperialismo. (Neto, apud. Alves, 1989, p. 30)

Na fala do político demonstra-se a esperança messiânica do poeta Agostinho Neto. O discurso poético e o político se mesclam. A consciência de que o homem africano deve ser encarado de modo diferente dos séculos de escravidão demarca a antevisão do poeta e seu papel político na construção da nova sociedade. Vejamos os versos finais do poema “A Voz Igual”, onde o poético e o político se misturam, apresentando o chamamento à reconstrução, redefinindo profeticamente a humanidade do povo.

*Do caos para o reinício do mundo
para o começo progressivo da vida
e entrar no concerto harmonioso do universal
digno e livre
povo independente com voz igual
a partir deste amanhecer sobre a nossa esperança.* (Neto, 1985, p. 138)

O caráter da atividade poética consiste, para Agostinho Neto, em redescobrir a poesia da vida através da reconstrução da identidade política do povo de Angola. A construção da identidade, isto é, do ser autêntico, passa por três momentos distintos: momento do objeto, momento do sujeito, momento social-dialético.

Conforme Libânio (1982), no primeiro momento, ou seja, no momento do objeto, o sujeito não tomou ainda consciência de si no sentido reduplicativo, isto é, o sujeito se percebe como sendo unilateralmente determinado pelo outro. Ele não é autônomo, não se percebe como lei para si mesmo. A sua consciência e liberdade são profundamente marcadas pela obediência a uma lei exterior a ele. O sujeito se vê diante da realidade como tábula rasa. Necessariamente esta tábula rasa, esta folha em branco, tem que ser preenchida pelas experiências do outro.

No segundo momento, momento do sujeito, a relação com o outro e com o mundo vai se traduzir como descoberta da subjetividade e vai ser percebida como interioridade da consciência. Exata se opõe a exterioridade do mundo e se revela como valor e significação. Os fatos se fazem verdade e realidade pela reflexão, quer dizer, pela volta do sujeito sobre si mesmo. No entanto, na embriaguez de sua autonomia, o sujeito corre o risco de fechar-se sobre si mesmo, desconhecendo a presença do outro.

No momento social dialético, o sujeito percebe o caráter dialético de sua consciência. Ele pensa em si mesmo como fonte de valor, verdade e bem, mas reconhece a presença do outro como determinante fundamental – mas não única – do seu ser, isto é, ele se abre ao mundo. E inelutavelmente, a partir desta abertura, constrói sua existência.

Caminhando pelas veredas do ser, o poeta percebe o terceiro momento (social dialético) e recria a realidade poeticamente, ou antes, descobre a poeticidade da vida. O poeta sabe da sua responsabilidade na reconstrução da identidade/alteridade de seu povo. Nos seus versos percebe-se o reconhecimento desta responsabilidade;

*Não é o canto do galo
ou o grito do grilo
que anunciam o novo dia
mas, sim, o canto dos poetas.* (Neto, apud. Alves, op. cit., p. 35)

Angustiado-se, mas sabendo que da angústia brota o novo tempo, o poeta escreve “Pausa”:

*Há esta angústia de ser humano
quando répteis se entrincheiram no lodaçal
e os vermes se preparam para devorar uma linda criança
em indecorosa orgia de crueldade*

*É esta alegria de ser humano
quando a manhã avança suave e forte
sobre a embriaguez sonora do cântico da terra
apavorando vermes e répteis.*

*E entre a angústia e a alegria
um trilho imenso do Níger ao Cabo
onde marimbas e braços tambores e braços e vozes e bra-
[ços
harmonizam o cântico inaugural da nova África.* (1985, p. 78)

Conclamando seu povo para que desperte, o poeta profeticamente induz o homem colonizado a tomar parte do processo de sua libertação:

*Não esperemos os heróis
sejamos nós os heróis
unindo as nossas vozes e os nossos braços
cada um no seu dever.* (op. cit., p. 126-127)

Fala da necessidade de lutar, de sonhar. Ele clama por independência, pela libertação do seu povo, por uma nova Angola:

*São as vozes em coro na impaciência
buscando paz, a vida em cansaços seculares
nos lábios soprando uma palavra: independência!* (op.cit., p.126-127)

Ah!
esta mania de imaginar
e de inventar mundos
homens, sistemas, luz!
Viver nas coisas, nos rumos fechados
na escuridão das noites
a palpitante existência
dos dias de sol.

Esta saudade do nada
esta loucura.
Volvamos à realidade
sonhador! (op.cit., p.69)

Almas escravizadas, morte que é choro e angústia, grito, dor, mas também luz, olhos secos, mãos e braços, construção, pátria, são flashes anunciadores do novo e esperado dia em que Angola será angolana.

Nos homens
ferve o desejo de fazer o esforço supremo
para que o homem
renasça em cada homem
e a esperança
não mais se torne
em lamentos da multidão
A própria vida
faz desabrochar mais vontades
nos olhares ansiosos dos que passam
sábado misturou a noite
nos musseques
com mística ansiedade
e implacavelmente
vai desfraldando heróicas bandeiras
nas almas escravizadas. (op.cit., p.44)

Como se pode observar, a perspectiva do poeta não é somente olhar a si mesmo, mas olhar o outro em si mesmo e definir os lugares do EU e do OUTRO, a partir deste olhar. Por seu intermédio, conhece-se as senzalas, os garotos sem escola, os negros ignorantes, os homens bêbedos. Sente-se a dor de partir, os gritos de dor, as lágrimas. Também compartilha-se o riso que se mistura à esperança de novos e bons tempos. Enfim, não somente se pode ver com os olhos do poeta, mas também sentir a emoção que esta visão proporciona.

Como que saído da caverna de Platão, o escritor anuncia a verdadeira

realidade. Com os olhos secos, poética e politicamente engajado, o seu olhar, dirigido à luz, simbólica e concretamente surge como instrumento de revelação. Sem desconhecer as sombras que a luz provoca, ele empreende a reconstrução de sua pátria. A terra-mãe, soerguida pelos braços dos que nela trabalham, será o palco de um povo que se reconhece:

*Eu vejo além África
amor brotando virgem em cada boca
em lianas invencíveis da vida espontânea
e as mãos esculturais entre si ligadas
contra as catadupas demolidoras do antigo*

*Além deste cansaço em outros continentes
a África viva
sinto-a nas mãos esculturais dos fortes que são povo
e são rosas e pão
e futuro. (op. cit., p. 94-95)*

O olhar de Agostinho Neto sobre o mundo ensina a aprender na dor, a conquistar a felicidade sem desconhecer aquilo que a nega, a esperar mesmo que o desespero tome conta das almas escravizadas.

Referências bibliográficas

- ALVES, Henrique L, BARBEITOS, Arlindo & Outros. **A voz igual**. Porto: Angolê, 1989.
- ANDRADE, Mário. **Antologia temática da poesia africana** (Na noite grávida dos punhais). 3. ed. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1980.
- ANDRADE, Mário. **Antologia temática da poesia africana**. (O canto armado), 2. ed. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1980.
- BEAINI, Thais Curi. **Heidegger: arte como cultivo do inaparente**. São Paulo: EDUSP, 1986.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 4. ed., São Paulo: Ática, 1991.
- BUZZI, Arcangelo. **Introdução ao pensar**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CAETANO, Marcelo José. **O Eu e o Outro em Sagrada Esperança** (Inautenticidade e Autenticidade na Poesia de Agostinho Neto). Belo Horizonte: PUC Minas, texto policopiado.

- DAVIDSON, Basil. **Os africanos** (Uma introdução à sua história cultural). Lisboa: Ed. 70, 1981.
- FERREIRA, Manuel. **No reino de Caliban**. 3. ed. Lisboa: Plátano, 1988.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- LIBÂNIO, João Batista. **Formação da consciência crítica: subsídios filosófico-culturais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- NETO, Antônio Agostinho. ... **Ainda meu sonho...** 2. ed. Luanda: U.E.A, 1985.
- NETO, Antônio Agostinho. **A renúncia impossível**. Luanda: U.E.A, 1987.
- NETO, Antônio Agostinho. **Sagrada esperança**. Luanda: U.E.A, 1985.
- NETO, Antônio Agostinho. **Sobre a libertação nacional** (Cadernos Lavra & Oficina). Luanda: U.E.A, 1986.
- NETO, Antônio Agostinho. **Sobre a poesia nacional** (Cadernos Lavra & Oficina). Luanda: U.E.A, 1988.
- NUNES, Benedito. **Passagem para o poético** (filosofia e poesia em Heidegger). São Paulo: Ática, 1984.
- RUI, Manuel. **Fragmento de ensaio**. São Paulo: s/ed., 1985. (texto policopiado).